



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**O PAPEL DA BIODOCÊNCIA NA INCLUSÃO DO ALUNO COM
DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR**

FABIANA PEREIRA DIAS

ORIENTADORA: FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA

BRASÍLIA/2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

FABIANA PEREIRA DIAS

**O PAPEL DA BIODOCÊNCIA NA INCLUSÃO DO ALUNO COM
DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientadora: Fernanda Cupolillo Miana de Faria

BRASÍLIA/2015

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIANA PEREIRA DIAS

O PAPEL DA BIODOCÊNCIA NA INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB. Apresentação ocorrida em ___/___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

FERNANDA CUPOLILLO MIANA DE FARIA (Orientadora)

SILVIA URMILA ALMEIDA SANTOS (Examinador)

FABIANA PEREIRA DIAS (Cursista)

BRASÍLIA/2015

DEDICATÓRIA

A Deus, aos meus pais, irmãos, meu esposo, meu filho e a toda minha família, por acreditaram em mim e me darem muito apoio e forças para chegar até esta etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido essa oportunidade de concluir esse curso. Muitas vezes, senti dificuldades, mas com fé e esperança consegui superá-las.

Ao meu pai Antônio, por investir em mim, incentivando-me a crescer, tanto pessoalmente quanto profissionalmente e a não desistir dos meus sonhos.

À minha mãe Ana, que sempre teve paciência e me ajudou, principalmente nos momentos mais difíceis.

Aos meus irmãos, e minha sogra, que de forma direta ou indireta me deram apoio.

Ao meu esposo Valfrido, que de uma maneira especial e carinhosa, me deu forças e segurança durante o curso.

Ao meu filho Adam Bryan, que mesmo sem compreender, me deu apoio e incentivo para continuar nessa caminhada, e perguntava-me: mamãe, “que horas vai fazer a atividade?”

Aos tutores presenciais e online, colegas e todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização desse curso.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o papel da bidocência na inclusão do aluno com deficiência no ensino regular. A bidocência, ou presença de um segundo professor na classe, apresenta-se como um importante instrumento na educação inclusiva, pois, através dela, há possibilidades de o educando com deficiência adquirir mais conhecimentos. O principal objetivo desse trabalho é compreender o papel da bidocência na inclusão do aluno com deficiência no ensino regular. Por meio de pesquisa qualitativa, foram realizadas entrevistas com professores, diretora e aluno de uma instituição de ensino. Os resultados levaram-nos a refletir a respeito da educação inclusiva regional e também a brasileira, que parece seguir a “passos lentos”. Embora alguns estados brasileiros tentem inserir o modelo da bidocência em classe, este ainda não é satisfatório. Conclui-se, a partir da pesquisa, que é necessário que estes profissionais tenham uma formação continuada, atualizando-se, para que estejam preparados e capacitados para atender a essa demanda de maneira inclusiva.

Palavras-Chave: bidocência; inclusão; aprendizagem.

SUMÁRIO

RESUMO

1. APRESENTAÇÃO	08
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 A educação brasileira: uma educação inclusiva	12
2.2 Bidocência nos caminhos da inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular	13
2.3 Aspectos relevantes para o processo de ensino aprendizagem na educação inclusiva	16
2.4 A parceria entre os profissionais na inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular.	17
3.OBJETIVOS	19
4.METODOLOGIA	20
4.1 Fundamentação Teórica	20
4.2 Contexto da Pesquisa.....	21
4.3 Participantes	21
4.4 Materiais	22
4.5 Instrumentos de Construção de Dados.....	22
4.6 Procedimentos de Construção de Dados	22
4.7 Procedimentos de Análise de Dados.....	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
APÊNDICES	
Roteiro de entrevista professores	33
Roteiro de entrevista diretora	34
Roteiro de entrevista Aluno	35
ANEXOS	
A Aceite Institucional-Escola	36
B Carta de Apresentação -Escola	37
C Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -Pais	38
D Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -Professor	39
E Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Participante voluntário	40

1. APRESENTAÇÃO

Esta monografia tem como foco principal investigar a bidocência na inclusão do aluno com deficiência em uma escola da rede municipal de Palmas de Monte Alto. A escolha desse tema foi motivada ao me deparar com professores que sentem dificuldades em ministrar aulas, principalmente para alunos com deficiência, pois não têm nenhum curso de capacitação na área, e por diversas vezes encontram-se sozinhos para atender à turma.

Sabe-se que a cada dia aumenta o número de alunos com deficiência matriculados no ensino regular; porém, muitas escolas não estão preparadas e não garantem de fato a inclusão dos educandos. Dessa maneira, nega-se a estes cidadãos o direito de estudarem com dignidade e igualdade.

De acordo com Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial (MEC/SEESP, 2001), “inclusão não significa, simplesmente, matricular os educandos com necessidades especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário à sua ação pedagógica”. Dessa forma, é muito importante que as escolas estejam equipadas e os professores, habilitados para atuar com alunos com deficiência, estando de acordo com padrões exigidos pela lei.

A escola deve ser um ambiente agradável e propício para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos; por isso, precisa ser acolhedora, incentivando o aluno a aprender, e despertando sua curiosidade. Dessa maneira, haverá mais possibilidades de desenvolver seus conhecimentos e suas potencialidades.

Nesse sentido, Libâneo afirma que: “A escola precisa oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade, de modo que os alunos que passam por ela ganhem melhores e mais efetivas condições do exercício da liberdade política e intelectual” (LIBÂNEO, 1998, p. 10).

É evidente que o professor é um dos fatores principais para a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular; por isso, é importante que esteja preparado e ciente de sua função, pois seu papel é orientar e mediar os conhecimentos.

Algumas questões, nessa discussão, saltam-nos aos olhos, tais como: Por que os alunos com deficiência continuam excluídos na escola? Por que em muitas escolas existe

somente um professor na classe para atender à turma, sendo que há alunos com deficiência que dependem de um atendimento especializado? Será que um único professor consegue atender à todos os alunos de maneira inclusiva?

Diante dessas indagações, o presente trabalho objetivou mostrar a importância da bidocência na educação inclusiva, que, defendemos, pode colaborar para a mudança do quadro educacional de nosso país.

Na maioria das escolas do município de Carinhanha, é difícil encontrar classe que contenha professor de apoio, o qual contribui para a exclusão do aluno com deficiência na escola.

Durante minha trajetória de vida, sempre busquei ampliar meus conhecimentos. Me formei no magistério e fui contemplada com uma bolsa de estudos, tendo a oportunidade para fazer o curso de graduação. Cursei Licenciatura em Letras pela FTC-EAD. Logo no início do curso de Licenciatura, fui convidada para trabalhar na área de educação na zona rural. Lecionei por alguns anos, no ciclo do Fundamental I e II.

Relembrando uma das jornadas de trabalho, um certo dia recebi um convite de uma determinada escola para substituir duas professoras, por dois dias em horários opostos: uma professora estava com problemas de saúde e a outra iria fazer um curso de formação fornecido pelo município.

No primeiro dia, a aula com a turma ocorreu normalmente; porém, no segundo dia fiquei bastante apreensiva e preocupada, pois não me informaram que na classe havia um aluno que supostamente tinha deficiência intelectual. Na escola, não havia um laudo que comprovasse tal deficiência, mas sabia-se que ele fazia tratamento com o psicólogo e tomava alguns medicamentos. O aluno nesse dia estava bastante agitado, pois alguns alunos não respeitavam seus direitos e o irritavam. Embora esse fato ocorresse diariamente na classe, eu e a equipe pedagógica da escola conseguimos contornar a situação. Na outra classe, a experiência foi um pouco mais tranquila. Havia um aluno que apresentava surdez. Devido ao fato de eu já ter contato com uma pessoa surda, foi fácil prosseguir a aula, e assim nos comunicamos por meio de gestos e leitura labial.

Enfim, apesar de terem sido poucos dias de experiência com as turmas, ao deparar-me com esses com deficiência em classe senti dificuldades em ministrar aulas. Diante dessa situação, senti uma imensa vontade de saber como lidar com esses alunos com deficiência.

Ficaram vários questionamentos referentes à educação inclusiva. Um deles foi: como um único professor conseguia ministrar aulas para os alunos com deficiência de maneira inclusiva? Partindo dessa curiosidade de conhecer o novo, interessei-me em fazer um curso voltado para essas especificidades, pois é de grande relevância que todos tenham o conhecimento a respeito da inclusão das pessoas com necessidades especiais em qualquer ambiente, seja educacional ou não.

Dessa forma, foram feitas várias pesquisas bibliográficas, matérias disponíveis na internet, pesquisa em campo, referentes à atuação desses docentes com alunos com deficiência. É sabido que esses alunos trazem muitos conhecimentos, mas, para que sejam desenvolvidos, é necessário que alguém se disponibilize a ajudá-los. Destaca-se que a família, a escola e a comunidade são fundamentais para esse desenvolvimento.

Enfim, os profissionais da educação trazem grandes contribuições para o ensino e podem ajudar os alunos com deficiência a desenvolver seus conhecimentos, mas precisam ter um comprometimento com a turma – o que vale tanto para o professor regente quanto para o segundo professor. Além disso, deve-se planejar e buscar novas estratégias para que todos os alunos possam aprender e usufruir de seus direitos.

Sendo assim, a inserção de um segundo professor na classe, juntamente com o regente, contribui para superar as dificuldades e, com essa parceria, pode-se desenvolver um bom trabalho na educação, encontrando novos caminhos para o ensino inclusivo.

Assim, o aluno com deficiência tem mais chances de ter esse ensino individualizado, acompanhado pelo segundo professor, o que não significa que esse professor tenha responsabilidade somente em relação ao aluno com deficiência, mas com toda a turma.

A pesquisa foi realizada de maneira qualitativa em uma escola da rede pública, no Fundamental I, no município de Palmas de Monte Alto-BA. A coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas, transcritas e analisadas. As entrevistas foram aplicadas a 2 (dois) professores, 1 (uma) diretora e 1 (uma) aluna com deficiência.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos: No primeiro capítulo, discutem-se os conceitos referentes à educação inclusiva e à questão da bidocência em uma classe inclusiva tendo como base a Declaração de Salamanca, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Capítulo V, Art. 58. Para ampliar as discussões, foram utilizados estudos de alguns teóricos, como Beyer (2005), Cunha e Sierbet (2008), Mittler (2003), dentre outros. No segundo

capítulo, apresentam-se os objetivos, os quais são bases norteadoras da pesquisa. No terceiro capítulo, descreve-se a metodologia aplicada, de abordagem qualitativa. Discorre-se sobre como foi realizada a pesquisa, por meio de observações e entrevistas em uma escola municipalizada de Palmas de Monte Alto. No quarto capítulo, são apresentados os resultados e discussões, e analisada determinada realidade existente em muitas escolas do nosso município onde a bidocência faz-se presente. Por fim, são apresentadas as considerações finais, sinalizando que os dois professores que atuam juntos precisariam dividir as mesmas responsabilidades e a necessidade de que haja mais investimentos no ensino, preparando e capacitando estes profissionais. Dessa forma, os educandos poderiam vir a ser contemplados com um ensino de qualidade e inclusivo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A educação brasileira: uma educação inclusiva?

Há muitos anos, discute-se, em vários países, o conceito e as propostas institucionais da educação inclusiva. Esse debate se fortaleceu ainda mais a partir de dois encontros internacionais: a Conferência Mundial de Educação para Todos (1990), realizada em Jomtien, na Tailândia, e a Conferência Mundial de Educação Especial (1994), realizada em Salamanca, na Espanha, a partir da qual surgiu a “Declaração de Salamanca”. Pode-se dizer que o principal objetivo desses encontros foi o de que os direitos de todas as crianças fossem respeitados.

O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos marginalizados. Tais condições geram uma variedade de diferentes desafios aos sistemas escolares. No contexto desta Estrutura, o termo "necessidades educacionais especiais" refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades educacionais especiais se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, p. 03).

O papel da escola é o de acolher esses educandos de forma inclusiva. Pode-se afirmar que não somente o aluno com deficiência é excluído, mas também aquele aluno que sente dificuldades de aprender, ou aquele aluno de baixa renda, discriminado por ser de outra classe social.

Ainda hoje encontramos alunos com deficiência excluídos em classe. Apesar de fazerem parte da mesma, não recebem o atendimento adequado para desenvolver suas habilidades e potencialidades. Embora nossa Constituição garanta a todos o acesso à educação, as escolas não oferecem os subsídios necessários para este desenvolvimento.

Diante disso, por mais que as comissões internacionais acompanhem a educação inclusiva, ainda assim os direitos dos alunos com deficiência são desrespeitados e são descumpridos. Os alunos, portanto, ficam prejudicados e sentem dificuldades de aprender.

A Declaração de Salamanca constitui-se como um importante documento na direção da inclusão das crianças com deficiência (ou não) na escola, pois seu objetivo é incluir todos

os alunos, sem quaisquer distinções, trazendo todas as crianças para o âmbito educacional. E, desse modo, possibilitar a esses educandos aprender dentro de seus limites, não somente integrando-os, mas incluindo-os, permitindo ao aluno ter acesso a um ensino de qualidade e igualitário, tornando assim o ensino justo.

2.2 A bidocência nos caminhos da inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular

O professor tem um papel muito importante na educação; por meio do seu trabalho, são transmitidos conhecimentos aos educandos. Na educação, o professor se depara com alunos com vários tipos de deficiência; porém, não está preparado para atender a essa demanda; por isso, é interessante que haja o apoio de outros profissionais, seja ele da saúde ou da educação, para orientá-lo, e acompanhar os educandos nesse processo de ensino-aprendizagem.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Capítulo V, faz as seguintes colocações sobre a Educação Especial:

Art.58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§ 1º Haverá quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração, nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Conforme prescrito em lei, prevalece o direito de os alunos com deficiência terem atendimento com outros profissionais especializados na área, pois eles estão mais habilitados a lidarem com as dificuldades inerentes ao processo, conhecem os melhores caminhos a seguir visando à inclusão desses alunos em classe. Dessa forma, dependendo da necessidade, é viável a presença de dois professores em classe, pelo menos por um período.

A esse respeito, Beyer afirma que:

quando há uma classe com alunos cujas aprendizagens não se distanciam muito, faz-se necessário um único professor, pois todos podem ser atendidos pelos mesmos princípios e objetivos. No entanto, com uma classe inclusiva, onde esses objetivos não possam ser atendidos por um único professor, faz-

se necessária a bidocência, exercida pelo Professor Regente e pelo Segundo Professor de Turma (BEYER, 2005 apud CUNHA e SIERBET, 2008, p. 2).

Portanto, em uma sala inclusiva, é muitas vezes indispensável a bidocência, pois a junção dos profissionais pode ajudar os alunos com deficiência a desenvolver seus conhecimentos.

Vale ressaltar que, no início do ano letivo, é importante que se faça uma avaliação diagnóstica para verificar quais as reais necessidades educativas dos alunos. Ao se obter as informações corretas sobre o aluno, os professores poderão aplicar metodologias em ações que venham ao encontro de seus objetivos.

Quando falamos em uma sala inclusiva, é importante destacar o limite máximo de alunos por turma. Isso porque, quando há atendimento de alunos com deficiência em uma classe, o número de matrículas de alunos “sem deficiência” precisa ser reduzido, para que se garanta aos alunos com deficiência o direito de estudarem com dignidade, igualdade e qualidade.

Segundo Worcken, (2003, apud BEYER, 2005), na cidade Humburgo-Alemanha há alguns modelos de bidocência na classe. O número de alunos matriculados em média por classe é de 25, sendo que algumas vagas devem ser reservadas para alunos com deficiência. Das vinte e cinco vagas, seis são destinadas a esses alunos. Ou seja, o número de alunos “sem deficiência” é diminuído. Destaca-se que o número de alunos varia de acordo com cada turma que faz esse atendimento.

Em nosso país, poucos estados adotam esse modelo de bidocência em classe, o qual seria de grande relevância para a educação inclusiva brasileira. Em torno dessa discussão, o Artigo 25, em parágrafo único, da Lei nº. 9394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conceitua que:

Será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançar relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento.

Parágrafo único. Cabe ao respectivo sistema de ensino, à vista das condições disponíveis e das características regionais e locais, estabelecer parâmetro para atendimento do disposto neste artigo. (Artigo 25, LDB nº. 9394/1996)

Dessa forma, cabe cada estado pôr em prática essa Lei, reelaborando o regimento da escola e adequando-o de acordo com sua realidade (região), para que, assim, atenda-se às reais necessidades dos alunos. Seguindo-se os princípios educativos e ao limitar o número de alunos na classe, facilita-se o trabalho do professor, sendo possível, desse modo, ofertar um ensino de qualidade para todos.

À medida que o aluno é inserido na escola, busca aprender e superar seus limites. E a escola também precisa estar equipada com recursos humanos e ferramentas adequadas para dar condições de o aluno aprender.

Apesar de muitas vezes o professor não encontrar materiais didáticos disponíveis na escola para facilitar esse aprendizado, dependendo da situação, os dois profissionais de educação podem confeccionar alguns materiais pedagógicos que estimulem os educandos a aprender, a exemplo de jogos e materiais lúdicos, de grande valia nesse processo de ensino-aprendizagem, em que o aluno aprende brincando.

Sendo assim, quando há um segundo professor na classe, pode-se compartilhar, dialogar, trocar experiências e colocar em prática metodologias favoráveis ao ensino inclusivo.

Vale lembrar a importância de ambos os profissionais planejarem juntos as aulas para que verifiquem quais os avanços da turma, que pontos poderiam ser melhorados, quais atividades poderiam ser aplicadas para a inclusão dos alunos com deficiência na classe. Havendo essa interação, há mais chances de se conhecer a realidade de seus alunos.

Nesse sentido, durante a elaboração do planejamento, é necessário que os professores reflitam sobre suas práticas educativas, observando o desempenho dos educandos, para que encontrem a melhor maneira de eles aprenderem, levando em conta as suas necessidades. Por isso, é importante que o planejamento contenha: dados de identificação, objetivos, conteúdos, metodologias, recursos e avaliação. Com base no planejamento, é possível nortear as aulas, assim como rever o que deu certo durante a sua execução.

Portanto, o plano de aula é flexível. Por isso, é muito importante que os dois professores repensem as estratégias de ensino e não fiquem presos somente ao espaço delimitado da sala de aula, pois a aprendizagem não acontece somente na sala, mas também em outros ambientes.

É necessário que se observe o ambiente a ser explorado, pois deve estar adequado e organizado de maneira a garantir acessibilidade aos alunos com deficiência. Dessa forma, estando adaptado às suas necessidades poderá usufruir das aulas e desenvolver-se plenamente no âmbito educacional. Assim, afirmam Soares e Figueiredo que: “compreender esse espaço é compreender uma gama de possibilidades partindo da prática educativa dos professores” (2007, apud FIGUEIREDO, 2008, p. 2).

2.3 Aspectos relevantes no processo de ensino-aprendizagem na educação inclusiva

A aprendizagem é um longo processo que deve ser trabalhado dia a dia, requerendo tempo para a criança aprender. Ressalta-se que, quando o aluno confia no professor, não tem medo de errar e vai além de seus limites. Por isso, destacamos a importância de o professor atentar-se para isso, persistindo nesse aprendizado.

Sabe-se que o ser humano é dotado de inteligência, independentemente de tratar-se de pessoa com necessidade educacional especial ou não. Para além de os conhecimentos dos alunos se diferirem, os caminhos que se oferecem para desenvolvê-los são distintos. Por isso, é fundamental que a escola seja inclusiva e de qualidade, buscando melhores caminhos para que as crianças avancem em seu aprendizado. De acordo com Kelman, “as leis de desenvolvimento são as mesmas para todas as crianças: o que mudam são os caminhos para alcançar esse desenvolvimento” (KELMAN, 2010, p. 23).

Nesse sentido, há que se levar em conta o fato de a aprendizagem ser um processo singular para cada criança, que desenvolve um ritmo próprio; é preciso saber respeitar esse tempo e a sua singularidade.

As pessoas com deficiência trazem consigo vários saberes e experiências vividas e elas são adquiridas ao interagirem com a sociedade; por isso, os professores devem investir em um ensino contextualizado, de acordo com a realidade do aluno, pôr em prática metodologias diferenciadas, para que venham a atender às reais necessidades educativas do educando, favorecendo o ensino-aprendizagem de modo significativo.

De acordo com as autoras Santiago e Venturini, “a inclusão significa colocar valores inclusivos em prática, e que tais valores sejam desenvolvidos nos espaços e cotidianos escolares” (2013, p. 583). É de grande relevância, portanto, que os dois professores conheçam a história do aluno, valorizando-a, e incluam valores inclusivos em suas práticas pedagógicas.

2.4 A parceria entre os profissionais para a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular

De acordo com as autoras Cunha e Sierbet (2008), em algumas escolas do estado de Santa Catarina adotou-se o modelo de bidocência em classe, em que dependendo da necessidade é inserido um profissional da saúde ou da educação para ajudar o professor regente no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com deficiência.

Exemplo disto, serve como referência para outras escolas.

Vale ressaltar, no entanto, que é necessário que se tenha bastante cautela e preparação ao inserir um segundo professor na classe, para que juntos possam desenvolver um bom trabalho.

Cunha e Sierbet realizaram uma pesquisa:

Em três escolas da rede estadual de ensino situadas em dois municípios do Médio Vale do Itajaí, Santa Catarina, fez-se esta opção pelo fato de essas escolas oferecerem turmas de inclusão com Segundo Professor e se disponibilizarem a participar da pesquisa, por meio de seus professores. Os sujeitos da entrevista foram sete docentes: quatro Professoras Regentes e três Segundas Professoras de turmas do Ensino Fundamental que lecionam nas turmas de inclusão (CUNHA & SIERBET, 2008, p. 03).

De acordo com a pesquisa das autoras Cunha e Sierbet, foi possível perceber que há uma contradição entre o que se entendia ser o papel de uma segunda professora na classe e o que acontecia na prática. Segundo as autoras, as professoras entrevistadas afirmaram que “nunca houve nenhum tipo de orientação, a gente trabalha dentro daquilo que a gente pode e a gente tenta fazer o nosso melhor” (2008, p.07). Nesse sentido, os alunos com deficiência continuavam excluídos e os profissionais buscavam a melhor maneira para desenvolver suas aulas.

Dessa maneira, é possível perceber que ainda falta preparação de ambos os profissionais.

Sobre isso, Mittler afirma que:

A presença de um segundo adulto na sala de aula é uma experiência nova para a maioria dos professores nas escolas regulares e para a qual esses profissionais talvez não estejam preparados. (...) pode ser, no mínimo desconcertante, criar desequilíbrio para o professor e, na pior das hipóteses, tornar-se uma ameaça permanente para a sua autonomia (MITTLER, 2003, p. 172).

Portanto, antes de inserir o segundo professor na classe, é fundamental que tanto o regente quanto o segundo professor sejam orientados, e estejam cientes dessa nova caminhada. E ao unirem suas forças, podem discutir quais são as reais necessidades educativas dos alunos e estabelecer metas para o ensino-aprendizagem.

A esse respeito, Beyer afirma que:

(...) tal atendimento jamais deve concentrar-se explicitamente sobre a criança com necessidades especiais, porém os educadores com atuação pedagógica especializada devem trabalhar sempre no contexto do grupo, procurando também atender necessidades eventuais que os demais alunos possam demonstrar. Com isto, se estará evitando o sempre possível processo de segregação do aluno especial e se estará fugindo de uma prática docente orientada por uma abordagem terapêutica (BEYER, 2005, p. 33).

Assim sendo, o professor necessita ensinar o aluno a ser independente, que ele é capaz, e pode desenvolver suas atividades sozinho, basta que seja mostrado a ele o caminho a seguir. E o quando trabalho é em equipe, isso pode tornar-se ainda mais fácil.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Compreender o papel da bidocência na inclusão do aluno com deficiência no âmbito da escola municipal de Palmas de Monte Alto.

Objetivos Específicos:

- Buscar na lei o sentido da bidocência na inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular;
- Saber como ocorre o desenvolvimento do aluno com deficiência quando é atendido por um segundo profissional da educação;
- Observar quais são as estratégias desenvolvidas pelo professor para atender à turma de maneira inclusiva.

4. METODOLOGIA

4.1 - Fundamentação Teórica da Metodologia

O presente trabalho se desenvolveu a partir da pesquisa qualitativa, tendo-se como intuito investigar e conhecer o processo de inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular. A pesquisa foi realizada por meio de observações e entrevistas em uma escola municipalizada de Palmas de Monte Alto.

Silva e Menezes ressaltam que: “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA & MENEZES, 2000, p. 20). Por meio da pesquisa de campo, é possível adquirir conhecimentos sobre a realidade da nossa educação. E obtendo-se dados referentes à instituição, confere-se sentido ao que foi estudado anteriormente por meio dos aportes teóricos.

A esse respeito, Maciel e Silva ressaltam que “o processo de pesquisa vai muito além do que apenas ‘coletar dados’, mas visa à construção do conhecimento a partir do que é coconstruído no campo de investigação” (MACIEL & SILVA, 2014, p. 21 e 22).

Dessa forma, a observação também é um instrumento muito importante durante o processo de investigação, pois através dela pode-se coletar e registrar dados.

Assim, Batista e Matos ressaltam que:

uma observação é fidedigna quando o observador é preciso e seus registros são confiáveis. Não basta apenas colocar-se próximo ao objeto de estudo e olhá-lo. Deve-se olhar e registrar. Muitas vezes é preciso mais de uma pessoa para observar e registrar ao mesmo tempo, devendo haver concordância entre os registros. Como prova de fidedignidade, as anotações são comparadas entre o tempo, tamanho e tipo de anotação feita por cada um (BATISTA, 1977 e MATOS, 1984 apud BELEI et al. 2008, p. 5).

Além disso, a entrevista é dos recursos fundamentais na pesquisa. Triviños (1987, p. 146) afirma que a entrevista semiestruturada tem como característica a elaboração de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Mas é necessário que o pesquisador planeje sua entrevista e passe confiança ao participante, para que ele possa responder aos questionamentos dentro de suas expectativas, sem perder o foco, transmitindo informações necessárias para a pesquisa.

4.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de Palmas de Monte Alto, na turma do 4º ano matutino. A sala é composta por 18 alunos, na qual estuda uma aluna que, desde o nascimento, tem como diagnóstico uma deficiência resultante de paralisia (saturação) cerebral.

Atualmente na escola há 1(uma) diretora, 1(uma) vice-diretora, 1(uma) coordenadora pedagógica. O corpo docente é composto por 12 professores, 198 alunos, sendo que 6 (seis) deles são alunos com deficiência. A estrutura é bastante ampla, arejada e confortável, com rampas que garantem a acessibilidade aos educandos com deficiência. Porém, ainda faltam algumas adequações, a exemplo do corrimão. Ela é composta por: 6 (seis) salas espaçosas, 1 (uma) sala dos professores, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) secretaria, 13 (treze) banheiros, uma cantina, 1 (um) depósito, 1 (uma) biblioteca, 1 (um) laboratório de informática, 1 (um) pátio. Após a observação da estrutura da escola, foi agendada uma entrevista com a diretora, professores, e a aluna com paralisia cerebral.

4.3 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com a professora Sandra¹, que possui formação acadêmica em pedagogia, e com a professora Synara. Ambas trabalham com a turma a que pertence a aluna Vitória, que possui saturação (paralisia) cerebral, na escola da rede municipal de ensino em Palmas de Monte Alto – BA. A pesquisa também incluiu com a aluna que possui deficiência e a diretora Elizabeth, que tem formação acadêmica em pedagogia; é psicopedagoga e possui curso de formação para direção.

¹ Os nomes citados são fictícios para preservar a identidade dos participantes.

4.4 Materiais

Durante a pesquisa de campo, alguns materiais foram utilizados, tais como: entrevista semiestruturada; um aparelho de áudio, para gravação das conversas entre a pesquisadora e os entrevistados. Ressalta-se que, através do mesmo, foi possível ter acesso ao diálogo com bastante precisão, e ao serem obtidos os dados, pôde-se transcrevê-los com facilidade. Outros materiais foram utilizados: um caderno de anotações, lápis e caneta, para tomar notas quando se julgava necessário, e assinar os termos de consentimento.

4.5 Instrumentos de construção de dados

Por meio da observação, foi possível verificar infraestrutura e as condições de ensino que a escola oferece para os alunos com deficiências, os quais são de grande valia para o desenvolvimento de sua aprendizagem.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas contendo de 7 a 12 perguntas (VER APÊNDICES). Cada um dos participantes – os dois professores, a aluna, e a diretora – deveria responder a questionamentos referentes à educação inclusiva. Foram abordados alguns pontos relacionados à atuação dos dois docentes em classe, ao funcionamento da escola, tendo como foco principal saber se realmente os dois profissionais realizavam o trabalho de maneira colaborativa, incluindo a aluna com deficiência no contexto educacional.

4.6 Procedimentos de construção de dados

Inicialmente, foi entregue à diretora uma carta de apresentação e o aceite institucional para que pudesse ser feita uma observação da estrutura física da escola, com o intuito de verificar se a instituição estava adequada aos propósitos do ensino inclusivo.

Por meio de entrevista semiestruturada, conversou-se com a diretora, a fim de que respondesse a alguns questionamentos sobre a inclusão dos alunos com deficiência na escola.

Em outro momento, foi entregue aos 2 (dois) professores a carta de autorização e observados alguns aspectos: como ocorre o desenvolvimento da turma e se há interação entre os alunos. Após a observação, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre

Esclarecido (TCLE), foi feita uma entrevista com o professor (a), por meio de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, tendo um aparelho de áudio para gravar a entrevista.

Também por meio de uma entrevista semiestruturada, mediante a autorização dos pais, conversou-se com a aluna com saturação cerebral (paralisia cerebral), a fim de se saber quais as suas dificuldades e seus anseios.

4.7 Procedimentos de análise de dados

Cada participante respondeu à entrevista individualmente. Cada professor ressaltou sua versão de como é o trabalho da bidocência em classe e como ocorre o processo de inclusão da aluna com paralisia cerebral com os demais alunos na classe.

A aluna também participou da entrevista. A diretora, atenciosa e precisa ao responder aos questionamentos, dizendo-se ciente do que vem a ser a educação inclusiva.

Após a entrevista, foram analisadas as repostas dos participantes, os quais deram ênfase à falta capacitação dos docentes na classe. A partir dos depoimentos, foi possível ter noção de como ocorre o trabalho da bidocência na classe e do processo de ensino-aprendizagem da aluna com deficiência na turma pesquisada.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a visita realizada em uma escola da rede municipal de Palmas de Monte Alto, percebeu-se que os profissionais de educação atuam com bastante profissionalismo.

Atualmente a escola é situada em um bairro carente, mas antes funcionava no centro. Segundo a direção, ela foi desativada e hoje atende a outros órgãos. Devido a essa mudança, a escola perdeu grande parte dos alunos que frequentavam o espaço. Mas alguns decidiram acompanhar a escola e seus professores. A nova escola que foi construída recebeu o mesmo nome da escola que fora desativada.

Ao observar a documentação da escola, os dados do regimento e o PPP, constatou-se que continuam com as informações da antiga escola. Segundo a direção, estão em processo de atualização.

Ao realizar a entrevista com a diretora, foram notórios os seus conhecimentos e sua história de luta juntamente com a família da aluna e os professores pela inclusão da aluna com deficiência na escola. Conseguiram uma cadeira com encosto, que, quando adaptada, lhe dá a oportunidade de estudar dentro de seus limites e um andador. Além disso, após essa aluna ter iniciado as aulas, a segunda professora foi inserida na classe para ajudar no desenvolvimento de sua aprendizagem. Embora faltem outros apoios, já se considera uma conquista esse segundo professor em classe.

Diante da entrevista realizada com as duas professoras que atuam em uma classe inclusiva, notou-se uma falta preparação de ambas as profissionais para ministrar aulas para alunos com deficiência. Segundo elas, não possuem nenhum curso de especialização. Também não foi oferecido a elas nenhum curso preparatório referente a essa atuação conjunta na classe. Além disso, tanto uma professora quanto a outra disseram não possuir nenhuma experiência com alunos com deficiência. Fazem o planejamento em horários distintos, mas quem fica responsável pela elaboração das atividades e acompanhamento da aluna com deficiência a segunda professora. Às vezes a regente a ajuda nesse atendimento. O que seria, portanto, um trabalho colaborativo, tornou-se individualizado, pois cada uma fica responsável por determinados alunos. Nesse sentido, é importante que haja um trabalho colaborativo, o

qual requer que se compartilhem ideias, dando espaço a um novo aprendizado, com um ensino inovador.

Ressalta-se, no entanto, que o trabalho em equipe possibilita uma análise e reflexão conjunta acerca de suas práticas pedagógicas, assim como uma abertura de novos horizontes.

De acordo com Padilha:

Planejamento é processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento de empresas, instituições, setores de trabalho, organizações grupais e outras atividades humanas. O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA, 2001, p. 30).

Ribeiro e Baumel também contribuem com a discussão afirmando que “as mudanças deverão necessariamente começar nas concepções pedagógicas dos professores e em suas atitudes para com os alunos em dificuldades” (2003, p. 24). Dessa maneira, ressalta-se a importância de os professores estarem na mesma sintonia, no mesmo ritmo para darem condições ao educando de construir seus conhecimentos.

Sabe-se que não há uma regra definida para a inclusão dos alunos com deficiência na escola, mas há uma busca incessante pelo caminho inclusivo. Logo, espera-se encontrar as melhores estratégias para que os educandos possam aprender e se desenvolver.

Diante da entrevista realizada com a aluna com deficiência, ela relatou, assim como qualquer outra criança, sentir dificuldades no início do ano letivo, pois provavelmente achou o ambiente diferente. No primeiro contato com a leitura e a escrita, não tinha coordenação motora. Dessa maneira, não conseguia executar as atividades com exatidão. Vale destacar que toda criança, antes de ir para a escola, já traz consigo algum conhecimento, e na medida em que se vai ensinando-a, dá-se continuidade àquilo que conhece.

Assim, Vygotsky (1991 apud JESUS, 2012, p. 19) afirma que “a aprendizagem da criança antecede a entrada na escola e que o aprendizado escolar produz algo novo no desenvolvimento infantil, evidenciando as relações interpessoais”.

Por isso, é muito importante que ambos profissionais durante as aulas avaliem e reavaliem suas práticas pedagógicas, pois assim, como a aluna com deficiência sentiu

dificuldade no início do ano, os demais alunos também podem sentir, o qual muitas vezes são ignorados e passam despercebidos, dessa maneira, ao elaborar as atividades, precisam ser vistas com mais atenção, e que desperte a curiosidade dos educandos, e mostrar-lhes que são capazes de aprender.

Apesar de a aluna não receber o apoio de um professor especializado, segundo a professora auxiliar (Synara) houve avanço em sua aprendizagem. Antes, não possuía coordenação motora e hoje já domina a escrita (bastão) sozinha e lê algumas palavras. É evidente sua alegria em estudar na escola, com o atendimento da professora auxiliar, pela qual tem um carinho especial. Embora possua dificuldades, ela é uma menina alegre, que contagia a todos que estão à sua volta; é carinhosa, simpática e tem um bom relacionamento com os colegas. Assim sendo, é acolhida com muito amor e carinho.

Não se pode negar que a escola já deu um grande passo ao ter uma segunda professora na classe; porém, ainda faltam outros fatores que podem vir a contribuir na inclusão da aluna com deficiência na escola.

Ela é assídua na escola. Faz fisioterapia três vezes na semana e falta somente um dia. Realiza sessões na terça, em horário oposto ao da aula. E na quinta, o horário coincide com o das aulas. Tal apoio é oferecido pela Secretaria de Saúde. No sábado, faz fisioterapia particular. Percebe-se que sua família é esforçada e sonha que a garota ande. Também é presente na escola, sempre buscando o melhor para a aluna.

Em uma conversa informal com a família, ressaltou-se que, no início, ao inseri-la na escola, temeram que a aluna com deficiência fosse rejeitada pelos demais colegas, mas por ela ser bastante comunicativa, aconteceu ao contrário: foi acolhida por todos, da direção até os funcionários de apoio.

A escola pesquisada não possui sala de recursos. O único apoio que recebe são os dois professores na classe. O município foi contemplado com algumas salas de recursos multifuncionais; porém, não estão em pleno funcionamento por não haverem profissionais especializados na área disponíveis para atuação no local. Há equipamentos que os professores do quadro não sabem manusear. Os materiais que seriam de grande utilidade para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, portanto, ficam parados.

Além disso, os professores não receberam nenhuma orientação quanto a atuarem juntos em uma classe; sem uma direção clara a seguir, procuram a melhor maneira para incluir os alunos com deficiência.

Por isso, é muito importante que o projeto político pedagógico esteja atualizado, pois constitui um documento elaborado de acordo com a realidade da escola, necessitando da participação da comunidade escolar, de pais, alunos, professores, serviços de apoios e direção. Por meio desse planejamento, é possível nortear e traçar caminhos para o futuro da escola.

Portanto, os projetos político-pedagógicos precisam ser revisados e implantadas ações inclusivas que vão ao encontro das necessidades dos educandos, incentivando os professores a manterem-se atualizados. E no caso de dois professores atuarem conjuntamente na classe, pelo menos um deveria possuir especialização.

Diante de tantos problemas na educação inclusiva, nota-se que muitos procuram a quem culpar para tapar seus próprios erros. Na verdade, para que a inclusão aconteça, é necessário que cada um faça sua parte, buscando os melhores caminhos, e lutando pelos direitos dos alunos com deficiência no ensino regular. Assim, dizem Mantoan, “não há como mudar práticas de professores sem que os mesmos tenham consciência de suas razões e benefícios, tanto para os alunos, tanto para a escola e para o sistema de ensino” (2006, p. 59, apud GURGEL; LEITE, A. & LEITE, M., 2014, p.07).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa Constituição garante a todos o direito à educação de qualidade no ensino regular; porém, ainda enfrentamos muitos problemas nas respectivas instituições públicas de ensino quanto à efetivação do que está previsto em lei.

A inclusão, de fato, é um desafio para todos, principalmente para os profissionais de educação, que atendem aos educandos com deficiência. Diante da pesquisa realizada em campo, percebeu-se que os professores estão despreparados e não têm nenhum curso de capacitação na área, gerando, assim, insegurança. Sem terem muita familiaridade com a educação inclusiva, deixam o ensino a desejar.

Em uma sala inclusiva, a bidocência é de suma importância para o desenvolvimento da turma. Havendo união entre os professores, pode-se trazer grandes contribuições para o ensino-aprendizagem.

Muitas mudanças precisam ser feitas na educação. Apesar de a escola pesquisada, por exemplo, possuir um espaço amplo, com rampas, não tinha corrimão, nem banheiro acessível para pessoas com deficiência. Além disso, os dois professores que atuam juntos precisariam dividir as mesmas responsabilidades e buscar apoio a respeito da inclusão, para que os alunos com deficiência se sentissem mais acolhidos e pudessem se desenvolver mais plenamente. É necessário, por fim, que se invista mais na preparação e capacitação destes profissionais.

Portanto, conclui-se que muitos aspectos educacionais precisam ser analisados e mudados para dar condições ao aluno de aprender dentro de seus limites. Dessa maneira, a inclusão efetivamente só acontecerá quando os direitos dos alunos com deficiência forem respeitados, e as diferenças forem aceitas. Ou seja, que eles sejam vistos como qualquer outro aluno, sem nenhuma discriminação, tendo seus direitos garantidos e acesso a um ensino de qualidade, justo e igualitário.

REFERÊNCIAS

ANGELUCCI, Carla Biancha *Uma inclusão nada especial: apropriações da política de inclusão de pessoas com necessidades especiais na rede pública de educação fundamental do Estado de São Paulo*. 2002. 171 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BELEI, Renata Aparecida et al. *O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa*. Cadernos de Educação. Pelotas [30]: 187 - 199, jan./jun. 2008. Disponível em : < http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1350501221.pdf >. Acesso em: 02 dez. 2015.

BEYER, Hugo Otto. *Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2005. 128p

BYER, Hugo Otto. *O pioneirismo da escola flämming na proposta de integração (inclusão) escolar na Alemanha: aspectos pedagógicos decorrentes*. Revista Educação Especial. Resumo-Artigo. UFSM/RS.ed.2005 - n° 25 p.1-9. Disponível em: <[http:// coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2005/01/a1.htm](http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2005/01/a1.htm)>. Acesso em: 01 out.2015.

BEYER, H. O. *Educação Inclusiva ou Integração Escolar?* Implicações pedagógicas dos conceitos como rupturas paradigmáticas. 2006. Disponível em: <http://www.ead.unb.br/moodle2013/pluginfile.php/68099/mod_resource/content/1/educa.PDF>. Acesso em: 23 fev.2015

BRASIL. Ministério de Educação. *Saberes e práticas da Inclusão*. Secretaria de Educação Especial. Disponível em< [http //portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica .pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosdeficienciafisica.pdf) >. Acesso em: 22 set. 2013.

BRASIL, Ministério da educação, *Diretrizes nacionais para a Educação Especial na educação básica/secretaria de educação especial*, Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <[http:// portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf)>. Acesso em: 17 set. 2015

CARMO Antonio Rosemir do . *Papel Da Escola E Do Professor Na Construção Do Saber Crítico Do Aluno*. Artigonal,2009. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao->

artigos/o-papel-da-escola-e-do-professor-na-construcao-do-saber-critico-do-aluno1361189.html.>. Acesso em: 12 out. 2015.

CUNHA, Cinara Marli da e SIEBERT, Emanuele Cristina: ***Bidocência: inclusão ou exclusão dos alunos com necessidades especiais?*** IX Cong. Nac.de Educação -EDUCERE, II Enc. Sul brasileiro de psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2540_1267.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. ***Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais***. 1994. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> >. Acesso em: 01 dez. 2015.

FERREIRA, Janaina Vargas Dutra, TORRES, Maria Salete de Moura.***INCLUSÃO EDUCACIONAL: Um olhar sensível em relação à Bi docência***.Disponível em: < http://www.faers.com.br/uploads/revista_fazer/76b13f2645d03b6bc82e31467deac398.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

FIGUEIREDO, R. V. ***A formação de professores para inclusão dos alunos no espaço pedagógico da diversidade***. In: Maria Tereza Eglér Mantoan. (Org.). O desafio das diferenças nas escolas. 1 ed. Petrópolis : Vozes, 2008, v. 1, p. 141-145.Disponível em:< http://www.aprendizagemniversidade.ufc.br/documentos/inclusao_escolar/a_formacao.pdf> . Acesso em: 12 out. 2015

JESUS, Ione Gonçalves de. ***Relação família e escola na aprendizagem***. Universidade Candido Mendes pós-graduação “lato sensu” avm faculdade integrada. Rio de Janeiro.2012. Disponível em: < http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T207528.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2015.

GURGEL, Iure Coutre; LEITE, Antonia Moraes; LEITE, Maria da Luz. Duarte ***As práticas docentes desenvolvidas na escola municipal Antonia Eurlí de Brito para promover a inclusão de um aluno com deficiência visual***. Resumo, p.07. 2014. Disponível em:< http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_11_58_04_idinscrito_1631_0578eb0a7e6fbdc486565b1900408d08.pdf>. Acesso em: 22 out. 2015

KELMAN, C. A. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, D. A.; BARBATO, S. (Orgs.). *Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar*. Brasília: Editora UnB.

LEI nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Art. 25; Cap.V - Art.58. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Presidência da República. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 out. 2015

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? *Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 1998

MACIEL Diva Albuquerque e SILVA Geane de J: *Metodologia de pesquisa: a construção do projeto de pesquisa*. Texto adaptado a partir do original elaborado para o Módulo de Metodologia de Pesquisa do Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos, no contexto da Diversidade Cultural/ EEDH/outubro de 2014. Disponível em: <http://www.ead.unb.br/moodle2013/Pluginfile.php/94866/mod_resource/content/1/Metodologia%20de%20pesquisa%20M%C3%B3dulo%20IV%20Parte%20II.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli; ARANTES, Valéria Amorim. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo: Sannus, 2006. 103p.

MITTLER, Peter. *Educação inclusiva: contextos sociais*. Trad. Windyaz Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A. A. *Perspectiva histórico-cultural da subjetividade: implicações para o trabalho pedagógico com crianças deficientes*. In: SILVA, A. M. M. et al. (Orgs). Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social. *Encontro Nacional de didática e prática de ensino*. Recife, PE: ENDIPE, 2006, p. 371-387

MONTEIRO, Francisca de Jesus, FERREIRA, Maria da Glória Santos, MENDONÇA, Maria do Socorro Cardoso Soares. *Reflexões sobre a avaliação na escola inclusiva*, 2010.

Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.11/GT_11_17_2010.pdf>. Acesso em: 22 fev.2015

PADILHA, R. P. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001

RIBEIRO, Maria Luisa Sprovieri; BAUMEL, Roseli. *Educação especial: do querer ao fazer*. São Paulo: Avercamp, 2003.

SANTIAGO, Mylene Cristina; VENTURINI, Maria Venturini. *Dimensões de inclusão em educação: o desafio de garantir o direito à aprendizagem e à participação*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO: UNIVERSIDADE E PARTICIPAÇÃO, 3., Rio de Janeiro, 2013. *Anais...* Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, G.J e MACIEL, D.M. *Psicologia cultural e Contextos Online de Aprendizagem...* In: ----- *Psicologia Cultural e Presença Docente: Relações de Coconstrução a Autonomia de Estudante Online*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB/IP/PGPDS, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

UHMANN, Silvana Matos. *Vivências acadêmicas com foco na educação inclusiva na perspectiva da bidocência*. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM Agência financiadora: PROLICEN. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congresso multidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/formacao/212-2011.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015

APÊNDICES

ENTREVISTA – PROFESSORES

Nome fictício: Sandra e Synara

Sexo:

Função:

Formação Acadêmica:

Tempo de exercício na docência:

1. Durante esses anos de atuação, quais experiências tiveram com alunos com deficiência?
2. Houve algum curso de preparação para ambos profissionais em relação a educação inclusiva? E quanto ao aturem juntas na classe?
3. Como vocês fazem para que ocorra a inclusão desse aluno com deficiência, com os demais colegas na classe?
4. Como são desenvolvidas as atividades na classe são diferenciadas? Por quê?
5. Fale um pouco de como as aulas são desenvolvidas para que o aluno consiga aprender. Que materiais didáticos são disponibilizados para o desenvolvimento das atividades?
6. Há algum tipo de material didático que tenha sido confeccionado para ajudar o aluno a desenvolver seus conhecimentos? Com qual finalidade? Essa confecção foi feita por ambos os profissionais?
7. Como você avalia o aluno com deficiência? Houve algum avanço em sua aprendizagem? Considera que seu desenvolvimento tem, em alguma medida, relação com o professor auxiliar?
8. Quando é feito o planejamento, semanal ou quinzenal?
9. Como é feito esse planejamento, vocês recebem apoio da coordenação pedagógica para desenvolvê-lo? No planejamento que orientação recebem para a inclusão desses alunos com deficiência na classe?
10. Do seu ponto de vista, o que poderia ser melhorado para que a inclusão de fato acontecesse na escola

ENTREVISTADO

ENTREVISTA: Diretora

Nome fictício: Elizabeth

Sexo:

Função:

Formação Acadêmica:

Tempo de exercício na direção:

- 1.Quantos alunos com deficiência há na escola? Quais tipos de deficiência?
- 2.Na sua opinião qual a importância da escola ter o diagnóstico do aluno com deficiência?
Por quê?
- 3.A escola recebe algum apoio de outros profissionais para a inclusão desses alunos com deficiência na classe? De quem?
- 4.Como a família age para que ocorra a inclusão do seu filho na escola?
- 5.Na escola há algum projeto em relação à educação inclusiva que incentive a permanência desse aluno na escola?
6. Desde quando o segundo professor começou a atuar juntamente com a regente. Relate como foi essa conquista de ter conseguido esse apoio de mais um profissional na classe.
7. Em sua opinião, qual é a importância de um segundo professor na classe?
8. A escola oferece algum curso de preparação para os dois profissionais na classe? Por quê?
9. Que avaliação você faz referente a atuação esses dois profissionais? De modo geral houve avanço na turma?
10. O que você entende por educação inclusiva?
11. Quais expectativas têm em relação à educação inclusiva do nosso município?

ENTREVISTADO

ENTREVISTA- ALUNO COM DEFICIÊNCIA

Nome fictício: Vitória

Sexo: feminino

1. De acordo as atividades realizadas em sala de aula, qual delas sentiu mais dificuldade?

2. Durante as aulas você aprende os mesmos conteúdos que os demais colegas?

3. De acordo as atividades desenvolvida em sala de aula, como gostaria de realizá-la:

..... Grupo

----- Individual

4. No momento da realização das atividades recebe ajuda dos professores?

5. Durante esse ano os professores trouxeram muitas atividades divertidas para que você e os demais colegas aprendessem. Qual delas que você mais gostou?

6. Quando leva atividades para casa, recebe alguma ajuda de seus pais ou responsáveis para realizá-las? Por quê?

7. Como você considera o seu relacionamento com os colegas:

---- Bom

---- Ótimo

---- Regular

ENTREVISTADO

ANEXOS



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*),
 da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da pesquisa
 _____,
 de responsabilidade do(a) pesquisador(a) _____,
 aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de
 Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de
 Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização
 de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento
 _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com
 _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de
 _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em
 _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela
 instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da
 instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em
 especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição
 coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos
 sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e
 bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a)

que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____ . Assim, gostaria de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação de seu(sua) filho(a) no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes da participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Pai/Responsável pelo Aluno

Nome do Pai/Responsável: _____

Nome do Aluno: _____

E-mail(opcional): _____



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____.
(*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____(*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____

E-mail(opcional): _____



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____ . Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de _____ (*explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.*)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ (*explicitar instrumentos de coleta de dados*), ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Participante Voluntário

Nome do Participante Voluntário: _____

E-mail(opcional): _____